

# O trabalho da formação (*Bildung*) da consciência em Hegel

*Exertion of formation (Bildung) of  
consciousness in Hegel*

DOI: 10.18226/21784612.v25.e020039

Cleudio Marques Ferreira\*

Bruna Caroline Machado Gomes\*\*

**Resumo:** A partir da leitura da *Fenomenologia do espírito* [*Phänomenologie des Geistes*] (1807), de Hegel (1992), em particular, da Introdução, busca-se elaborar os pressupostos da formação da consciência, mostrando os momentos em que essa passa pelo seu formar, diferentemente do que ocorria no período moderno. Percebe-se o surgimento de novo critério de formação, cujo fundamento é assinalado pela crítica que Hegel faz à formação representativa, que sustenta a educação mediante a interiorização do pensamento e a representa a partir de conceitos que não passaram pela experiência com o objeto e nem realizaram a negação de seu saber com o intuito de formar outro. Já na formação dialética, a partir dos pressupostos hegelianos, a consciência sai do seu estado natural e percorre o movimento do círculo espiral e, em cada momento desse percurso circular, realiza a experiência entre o saber da consciência com a verdade do objeto. Nesse sentido, cada etapa dessa experiência é o aprofundar no saber da consciência e na verdade do objeto, causando dúvida e desespero em seu formar, pois vê desaparecerem o conhecer e a verdade que tinha do objeto. Com isso, têm-se os momentos de negação, de conservação e de superação tanto na consciência quanto no objeto, constituindo a suprassunção [*Aufhebung*] até alcançar o saber conceitual em que há a identificação entre o saber e a verdade. Com esse princípio de formação, Hegel faz a

\* Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestrado em Filosofia pela UFG. Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor-Assistente na UFG, na Universidade Federal de Catalão (UFCat). *E-mail:* cleudioz@hotmail.com Orcid Id: <http://orcid.org/0000-0001-5567-9477>

\*\* Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). *E-mail:* brunamachadoug@gmail.com Orcid Id: <http://orcid.org/0000-0002-9839-0945>

crítica da crítica e efetiva a experiência entre o saber do sujeito e a verdade do objeto. Nesse itinerário, a consciência, paulatinamente, entra no processo do trabalho de formação, cujo fundamento é o *concrecere* – crescer juntos; ou seja, o saber da consciência com a verdade do objeto. Isso se realiza no momento em que a consciência é tocada pelo fenômeno do objeto. Há, então, novo procedimento pedagógico que leva em consideração a negação, o ceticismo amadurecido e a experiência para alcançar o saber real de sua formação [*Bildung*].

**Palavras-chave:** Formação. Consciência. Experiência. Desespero. Ceticismo.

**Abstract:** From the prism of Hegel's (1992) *Phenomenology of spirit* [Phänomenologie des Geistes] (1807), in special, the Introduction, the purpose of this paper is to develop the assumptions of the formation of consciousness. This path shows the moments in which consciousness passes through its formation differently from what occurred in the modern period. Therefore, we can see the emergence of a new criterion of formation whose foundation is indicated by Hegel's criticism against the representative formation, which sustains education through the internalization of thought and represents it from concepts that did not pass through the experience with the object and not made the denial of their knowledge in order to form another. In dialectical formation, by Hegelian presuppositions, consciousness leaves its natural state and goes through the movement of the spiral circle in which each moment of this circle realizes the experience between the knowledge of consciousness with the truth of the object. In this sense, each stage of this experience is the deepening of the knowledge of the conscience and the truth of the object, thus causing doubt and despair in its formation, as it sees the knowledge and truth that it had of the object disappear. Thus, there are moments of denial, conservation, and overcoming in consciousness and in the object, constituting the supersumption (*Aufhebung*) until reaching the conceptual knowledge in which there is the identification between knowledge and truth. With this principle of formation, Hegel critiques the critique and makes the experience between the knowledge of the subject and the truth of the object. In this itinerary, the consciousness enters into the process of formation whose foundation is *concrecere*, growing together; that is, the knowledge of consciousness with the truth of the object. This occurs when the conscience is touched by the phenomenon of the object. There is thus

a new pedagogical procedure that takes into account the denial, the matured scepticism and the experience to achieve the real knowledge of your formation (*Bildung*).

**Keywords:** Formation. Consciousness. Experience. Despair. Scepticism.

## 1 Introdução

Este texto,<sup>3</sup> que ora compartilho com os interessados em Hegel, sobretudo com aqueles estudiosos voltados à formação do homem, é fruto um pouco mais refletido do Mestrado defendido no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. No ensejo, em conjunto com alguns alunos do curso de Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCat), a partir da leitura da *Fenomenologia do espírito* [*Phänomenologie des Geistes*] (1807), em particular, do texto da Introdução, busca-se elaborar os pressupostos do trabalho<sup>4</sup> de formação da consciência.

Ao pensar no trabalho de formação com apoio nos pressupostos hegelianos, desenvolvidos, sobretudo, na Introdução da obra supracitada, nota-se, no percurso da consciência, seu dissolver e edificar tal como uma

---

<sup>3</sup> Tomando como referência o Livro Primeiro da *Metafísica* de Aristóteles (2002, p. 3), em que diz: “Todos os homens, por natureza, tendem ao saber” e a partir do texto da Introdução da obra *Fenomenologia do espírito* [*Phänomenologie des Geistes*] (1807), de Hegel (1992), desenvolve-se, no presente artigo, o trabalho de formação da consciência, ou seja, a *Bildung*, sem detalhar as figuras de formação que ocorrem no corpo da obra hegeliana. Além disso, diferencia-se a *Bildung* da *Formieren*, desenvolvendo a formação da primeira; ou seja, da consciência. Pensa-se, posteriormente, em outro artigo, desenvolver o formar-se das coisas a partir da formação da consciência. Para efetivar esse outro momento de formação, é necessário trabalhar a *Fenomenologia do espírito* quase em sua completude. Como o artigo ora apresentado permanece na Introdução dessa obra, sobretudo no formar da consciência, deseja-se, por conseguinte, mostrar a mudança de paradigma de formação por meio do trabalho que a consciência realiza, por ela mesma, para efetivar essa transformação do conhecimento no período moderno segundo Hegel.

<sup>4</sup> Para Hegel (1992, p. 61) “os pensamentos verdadeiros e a inteligência científica só se alcançam no trabalho do conceito. Só ele pode produzir a universalidade do saber, que não é a indeterminação e a miséria correntes do senso comum, mas um conhecimento cultivado e completo; não é a universalidade extraordinária dos dotes da razão que se corrompe pela preguiça e soberba do gênio, mas sim, é a verdade que se desenvolveu até sua forma genuína, e é capaz de ser a propriedade de toda a razão consciente-de-si”.

instabilidade em sua educação para alcançar a congruência entre o seu saber e a verdade do objeto. Com isso, a formação [*Bildung*] da consciência se inicia quando essa, em seu “estado natural” (consciência natural), dirige-se à ciência [*Wissenschaft*], princípio do sistema hegeliano que articula diversos conhecimentos, valendo-se do desdobramento de si própria. Uma vez iniciado seu processo de formação, a consciência percorrerá vários estágios, um a um, permanecendo, em cada um deles, passando ao seguinte somente após adquirir novo saber, ou seja, sua formação.

Na Introdução, a consciência desvencilha-se da representação, passa à apresentação e segue seu trabalho de formação científico a partir do surgimento do fenômeno que ocorre entre ela (consciência) e o objeto. Nesse percurso, cada momento de aprendizagem se completa até a identificação do saber da consciência com a verdade do objeto, o que exige da consciência paciência nesse trabalho de forjamento.

Esse trabalho da consciência é inaugural, pois traz nova forma de procedimento de formação da consciência do período moderno. A consciência inicia essa nova formação porque parte de sua liberdade para fazer experiências<sup>5</sup> e, nesse processo, exercita uma crítica do saber, tanto em si quanto na

---

<sup>5</sup> Heidegger (2007), em seu livro *Hegel*, faz uma análise formativa do significado de experiência para Hegel. Diz ele: “Aunque Kant tan sólo designa como ‘experiencia’ (Erfahrung), logo que según Aristóteles se destaca esencialmente de la ἐμπειρία, el conocimiento de los διότι (es decir, kantianamente, de la causalidad), sin embargo ambos concuerdan en que la ‘experiencia’ y la ἐμπειρία se refieren al ente mismo accesible inmediata y diariamente y de este modo son maneras de información y conocimiento. Lo que Hegel denomina ‘experiencia’ en la ‘Fenomenología del espíritu’, no se refiere al ente perceptible a diario, ni en general al ente, ni es la ‘experiencia’ estrictamente un modo de conocer. [...] La experiencia es ‘el movimiento dialéctico’. Es un viajar (pervagari), que recorre un ‘camino’. Pero el camino no existe en sí para viajar. El camino es un curso en el doble sentido de andar (curso por el campo) y pasaje (curso subterráneo). Dicho más precisamente, tan sólo en el curso como andar es experimentado (er-fahren) el curso como pasaje, es decir, es andado (er-gangen), y ello quiere decir: inaugurado, de modo que puede mostrarse algo manifiesto. [...] ὁ La experiencia, como el curso (pervagari) así caracterizado, es al mismo tiempo experiencia en el sentido originario de la πείρα. Esta significa el aventurarse a algo a partir de visualizar lo que allí surge. Este aventurarse a lo todavía-no-aparecido, como lo todavía no decidido, tiene su lugar esencial en el ámbito de la competición y mienta aquí: el aventurarse al adversario, el ‘asumir’ al mismo. La experiencia como probare es examen, que visualiza aquello que en su curso como curso ha de tener a su cargo” (HEIDEGGER, 2007, p. 203-205, grifos no original).

verdade do objeto, até sua transformação – ou trans-versão<sup>6</sup> – em ciência.

Desse modo, a ciência não é apenas um agregado de conhecimentos, tampouco uma afirmação arbitrária que garante a verdade em um objeto externo. Como assinala Hegel,

a formação inteligível da ciência é o caminho para Ela, a todos aberto e igual para todos. A justa exigência da consciência, que aborda a ciência e que chegue, por meio do entendimento, ao saber racional, já que o entendimento é o pensar, é o puro Eu, em geral. O inteligível é o que já é conhecido, o que é comum à ciência e à consciência não-científica, a qual pode, através dele, imediatamente, adentrar-se na ciência. [...] A ciência que recém começa, e assim não chegou ainda ao remate dos detalhes nem à perfeição da forma, está exposta a [sofrer] crítica por isso. Caso porém tal crítica [...] [atinja] a essência mesma da ciência, seria tão injusta quanto seria inadmissível não querer reconhecer a exigência do processo de formação cultural (1992, p. 27-28).

Por isso, a *Bildung*, ou a *Paideia* da consciência, não se faz sem experiência e sem o trabalho de negação. Uma vez que se colocou a caminho do seu trabalho de formar, ao adquirir novo conhecimento, por ter feito uma experiência, a consciência natural vê-se atacada pela dúvida, pelo desespero e pela dor, porquanto está agarrada à formação da representatividade.

A consciência precisa exercer o trabalho de negação (do seu saber positivo, até então, unilateral, e da sua verdade) para passar a outro estágio. Dessa maneira, paulatinamente, a consciência executa esse trabalho de formação (*Bildung*), fazendo a transição de um saber simples, imediato, para outro mediato, até alcançar a congruência entre saber e verdade, conceito e objeto, ou seja, visando a alcançar o saber real, despido de ilusões,

---

<sup>6</sup> Ao se grafar, aqui, a palavra *trans-versão* com o prefixo *trans* separado por um hífen, tem-se como objetivo dar mais rigor ao sentido de mudança contínua na consciência e, assim, aproximar-se do significado da palavra alemã *Untkentang*. Não obstante a palavra em português, empregada neste trabalho, apenas dizer que a consciência faz uma conversão, ou uma reversão, indica, antes, a ideia de volta, de retorno, o que, nesse caso, não é o significado ideal pretendido. O étimo latino *trans* desperta a ideia de ir além, e não a de retroceder, refletindo, de modo mais adequado, o sentido original no alemão.

de um único ponto de vista e de preconceitos, quando, então, verifica que o *Em-si* e o *Para-si* correspondem um ao outro, tendo, dessa forma, a capacidade de efetivar nova cultura a partir de um saber que se sabe de si, como mostra Hegel no caminho do trabalho de formação da consciência, na Introdução da *Fenomenologia do espírito*. Posteriormente, na obra supramencionada, há, em detalhes o processo de formação [*Formieren*] da consciência de si, que não é trabalhada neste artigo.

## **2 A resistência da consciência natural no trabalho de formação (*Bildung*)**

Para efetivar o trabalho de formação (*Bildung*), é necessário que a consciência rompa, antes de tudo, com o medo de errar, porquanto esse medo a amarra e a prende a uma educação unilateral, impedindo-a de ver a faísca do brilho do fenômeno do objeto que a toca e de penetrar em si para julgar seu próprio saber. A consciência natural, sem coragem de enfrentar a si mesma – com esse medo de errar – vê o mundo como se usasse uma viseira, enxergando somente um lado dele, como se sentindo atada aos grilhões que obstaculizam seu movimentar-se no saber e se mostra predisposta a aceitar um discurso que sustente a separação entre saber e verdade, impedindo o saber real. No entanto, o trabalho de formação da consciência, por meio do exercício do pensamento na experiência, por mais doloroso que seja, impele a consciência para outro momento de seu formar. Conquanto seja doloroso e até mesmo desesperador, a consciência, em seu processo de trabalho de formação, dissolve a forma educativa do conhecer representativo e inicia o esforço hercúleo de apresentação com o surgimento do fenômeno que o conduzirá à educação da ciência, que já está na consciência, mas, por ser ingênua, não tem consciência desse saber. Esse é o momento basilar da cultura filosófica inaugurada por Hegel na modernidade. Vê-se, então, que o caminho da transição da Formação Representativa para o saber real dá-se no processo de trabalho de formação da consciência. Passa-se pela representação, pela apresentação e segue a luz do fenômeno, fazendo a experiência e o exame de si mesma e da verdade do objeto e, dando continuidade a esse formar, passa pelo ceticismo amadurecido até o saber real, último estágio de formação, em que a consciência

chega à ciência e alcança esse saber. Portanto, há identificação do conceito com a verdade do objeto, ou seja, a ilusão torna-se análoga à essência, havendo uma congruência da ciência fidedigna do espírito, segundo os fundamentos hegelianos desenvolvidos na Introdução da *Fenomenologia do espírito* (HEGEL, 1992).

Arraijada ao temor e à desconfiança de outra formação que não seja a sua própria, a consciência predispõe-se a representar um saber que lhe é externamente apresentado. Prefere a cristalização das verdades que também lhe são externas, e, internalizada mediante a imagem de suas formas – elaborando a representação abstrata do seu saber – justifica-as apenas com intuições e repetições de palavras soltas, como: absoluto, conhecer e, também, objetivo e subjetivo, como se essas, por si só – sem o esforço de efetivar a experiência – estivessem carregadas de conteúdo.

Ao escolher esse modelo de formação representativo e grudada nele – com medo de cair num terreno movediço – a consciência natural não é capaz de realizar a desconfiança em sua própria confiança, por temor de nova verdade que possa emergir tanto dela quanto do objeto e desestruturar o discurso que lhe dá sustentação: “[...] suposição pela qual se dá a conhecer que o assim chamado medo do erro é, antes, medo da verdade”. (HEGEL, 1992, p. 64).

Quando a consciência dispõe-se a enfrentar, mediante o trabalho, nova formação (*Bildung*), ela sai do seu conhecer para o saber, nega os pressupostos da representação e fundamenta a apresentação cujo princípio está no seu relacionar-se com o objeto. Nesse processo de educação, busca a verdade de seu saber no objeto. Isso ocorre quando a consciência volta a ela, passando pelo objeto. Dessa relação haure uma instabilidade entre o seu saber da consciência ingênua com a verdade do objeto a impulsionar outro estágio de formação. Desse modo, a consciência começaria a se desagarrar de uma cultura representativa, constituída no pensar, cuja fundamentação solipsista de seus conceitos separados dos objetos era o princípio da educação da modernidade, pois esse pressuposto tinha a pretensão de afirmar o conteúdo sem passar pela experiência que, agora, ocorre dando lugar ao trabalho de formação pela apresentação.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Nobre (2018, p. 164, grifos no original) salienta que, “no texto da Introdução, é

Esse alicerce educativo se concretiza com o trabalho de formação dialética, o qual elege o experienciar da consciência que, desde seu início, nota uma assimetria entre saber e verdade. Desse modo, doravante, a experiência da consciência a faz se livrar de uma verdade não verdadeira – que ela, antes, asseverava como ser verdade. Nesse processo de trabalho dialético do formar, o fenômeno – essa centelha de brilho do objeto – fica a luzir num caminho para o forjamento de nova cultura da modernidade, cuja articulação dessa cultura se fará sobre a inter-relação da consciência com o *Em-si* do objeto. Daí, faz emergir nova verdade verdadeira, que nasce do ser do objeto que aparece e do ser da consciência. Mudando-os recíproca e continuamente, tem-se a instabilidade do saber e da verdade, ou seja, ao colocar o aparecer do aparecer e a verdade verdadeira não se está fazendo uma redundância dos termos, mas querendo mostrar que do próprio ser do ser do objeto e da consciência surgem o fenômeno e a verdade verdadeira desse momento – que será negado posteriormente – a qual nega um aparecer aparente tal como uma verdade aparente. Assim, esse itinerário formativo vê ruírem, em seu caminho, a cada momento, os alicerces de uma etapa de sua formação, e a consciência hesita, inicialmente, em assumir novos princípios como verdadeiros.

Agora, a consciência busca, nela mesma, na experiência de seu saber com seu objeto, um *outro ser* dela mesma. Presa aos seus limites, ela não deseja se desprender do saber natural. No entanto, o novo fenômeno de seu formar faz aparecer a luz que, cada vez mais, recrudescer em seu ser e tem a força para dilatar seus limites e fixar, em seus propósitos, novo paradigma de educação. A consciência, nesse momento, não é o saber natural nem real, mas ambos estão nela para produzir a modificabilidade de seu ser. Todavia, com medo de se perder em relação ao outro saber que, inevitavelmente, sucedera esse unilateral, prefere estabelecer, para si, novos limites. Seu desejo é manter tudo bem e do modo que está. Isso lhe proporciona uma

---

justamente a representação natural que reduz o caminho a uma série de proposições fixas. Por essa razão, o texto de Hegel diz: ‘Aquele propósito *representa* a formação no modo simples do propósito, como imediatamente cumprida e ocorrida’ (grifo meu). Já se passou do modo da ‘representação’ para o modo da ‘apresentação’; nesse sentido, toda tentativa de congelar o movimento, de fixar o caminho recebe de Hegel a qualificação de ‘representativo’, quer dizer, de tentativa de fixação em um estágio determinado em lugar de aceitação do fluxo e do movimento”.



segurança estática. Mas o pensamento, contrário a essa condição, não aceita ficar estagnado do modo que a consciência natural deseja, pois, desse modo inerte, o formar é o temor da verdade que, novamente, a ataca. No entanto, o pensamento impele a consciência de sair de sua estagnação e seguir, mesmo que seja de forma dolorosa, sua formação. Ou seja, embora a consciência a todo custo tente se manter inerte, o pensamento impulsiona-a a quebrar uma estrutura de educação arraigada em seu ser.

Apesar disso, para impedir o desenvolvimento do formar, a consciência toma por dogma sua opinião; assim, ela não se põe a duvidar do seu próprio saber e passa a duvidar do saber do *outro*. Se, por um lado, essa desconfiança do *outro*, e não de si, tem o intuito, por parte da consciência, de mostrar certo zelo por seu saber, por outro lado, significa não aceitar a interferência de um *outro*, por se achar possuidora de melhor formação.

A atitude de mostrar certo zelo, certo cuidado com seu saber, dissimula a verdade e promove a vaidade. Ela cai no ufanismo, que revela e esconde, ao mesmo tempo, uma atitude individualista, voltada somente para si e utiliza o discurso megalomaniaco para dar sustentação ao seu conhecer. Esse conhecer, porém, não é rigoroso o quanto é necessário porque não possui a coragem suficiente para enfrentar a si próprio. Por conta disso, procura refúgio no absoluto ordinário, que justifica o saber por meio de verdades sem conteúdo. E resiste a aceitar outra formação que esteja fora das *dualidades*, conhecer e verdade, sujeito e objeto, conhecimento e ignorância, absoluto e relativo, ordinário e não ordinário, que ratificam as determinações abstratas.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> O ensaio “Quem pensa abstratamente?”, de Hegel, publicado pela revista *Síntese Nova Fase*, v. 22, n. 69 (1995), traz elementos relevantes para entender os fundamentos de sua crítica a esse modelo de pensar. Ilustra ele: “Quem pensa abstratamente? O homem sem instrução, não o instruído. A boa sociedade não pensa abstratamente, portanto, pois é muito simples, muito baixo, e baixo não segundo o status exterior nem a partir de uma nobreza vazia que se coloca acima daquilo que ela não é capaz, mas sim por causa da inferioridade interior à coisa mesma. O Preconceito e o respeito pelo pensamento abstrato são tão grandes, que os mais perspicazes vão farejar de saída uma sátira ou uma ironia nesse ensaio. Uma vez que eles também são leitores do *Morgenblatt*, eles sabem que foi oferecido um prêmio para uma sátira e que, portanto, eu preferiria acreditar merecer receber o prêmio e concorrer para esse do que desgastar-me aqui para nada. Eu necessito somente acrescentar alguns exemplos à minha proposição, com os quais todos concordarão que esses a confirmam. Um assassino é conduzido ao local de execução. Para o povo, em geral, trata-se somente de um criminoso e nada mais. Algumas damas

No entanto, o pensamento, cujo trabalho de formação é ininterrupto por natureza, não suporta a estagnação nem a carência de si. Esse é o momento trágico no qual a violência dela mesma, como aquela sofrida quando a consciência se enfrentou e arrancou para fora de si seu ser-ai imediato de antes que ameaçava sua satisfação – que, agora, sabe, é limitada. E se o conhecer natural lhe era exterior, essa violência não o é, pois o que há é o desequilíbrio do trabalho de formar da consciência quando, com sua experiência, faz surgir o desvelamento dela e do objeto.

Portanto, essa violência que a consciência sofre – de se lhe estragar toda a satisfação limitada – vem dela mesma. No sentimento dessa violência, a angústia ante a verdade pode recuar e tentar salvar o que está ameaçada de perder. Mas não poderá achar nenhum descanso: se quer ficar numa inércia carente-de-pensamento, o pensamento perturba a carência-de-pensamento, e seu desassossego estorva a inércia (HEGEL, 1992, p. 68).

O medo de prosseguir na busca da verdade, por conta dos sofrimentos pelos quais tem de passar e por falta de coragem, leva a consciência a “[...] tentar salvar o que está ameaçada de perder” (HEGEL, 1992, p. 68) – um

---

comentam talvez que ele é um homem forte, belo e interessante. O povo reage com repulsa: ‘o quê?’ ‘Um assassino belo?’ ‘Como se pode pensar tão equivocadamente a ponto de chamar um assassino de belo?’ ‘Vocês não são melhores do que ele!’ O padre, que conhece bem a razão das coisas e os corações, acrescenta talvez, que isto é um sinal da corrupção dos costumes que permeia as classes superiores. Uma pessoa que realmente conheça o ser humano (*Menschkennner*) traça o caminho de formação do criminoso: ele encontrará na história do criminoso uma educação deficiente; péssimas relações familiares entre seu pai e sua mãe; algumas punições monstruosas (*ungeheure Harte*) após um leve delito, que deixa esse homem amargurado com a ordem civil; uma primeira reação dessa ordem contra ele, excluindo-o da sociedade e possibilitando-lhe, a partir daí, a sobrevivência somente através do crime. Provavelmente existem pessoas que, ao ouvirem tais coisas, dirão: este que isentar o criminoso de sua culpa! Eu me lembro em ter ouvido, quando era jovem, um prefeito reclamando que os escritores estavam passando dos limites, pois procuravam destruir totalmente o cristianismo e a honradez (*Rechtschaffenheit*). Segundo o prefeito, um deles teria escrito uma apologia do suicídio; horrível, horrível demais! Algumas perguntas mais e descobriu-se que se tratava dos *Sofrimentos de Werther*. Pensar abstratamente significa isto: ver no assassino somente o fato abstrato que ele é um assassino e através desta simples qualidade anular (*Vertilgen*) toda essência humana ainda remanescente nele” (HEGEL, 1995, p. 237, grifos no original).

saber que, nesse momento, já tentou romper sua breve relação com a verdade. Ou, o que ela tenta salvar é ela própria para poder chegar ao ir-além do limitado, pois, conforme Hegel (1992, p. 68, grifo no original), “[...] a consciência é para si mesma seu *conceito*; [...] [ela] é imediatamente o ir-além do limitado, e – já que este limite lhe pertence – é o ir além de si mesma”.

Ainda condicionada à separação entre saber, de um lado, e verdade, de outro – ou seja, o conceito separado do objeto – antes de se pôr a caminho do trabalho de se formar, é um não saber de si. Ela representa um conhecimento que não lhe pertence, que não vem de seu próprio ser. É, assim, consciência ingênua, condicionada ao saber de um objeto externo a ela, representando, desse modo, a formação de um saber separado da verdade. “A consciência natural vai mostrar-se como sendo apenas [um] conceito do saber, ou saber não real” (HEGEL, 1992, p. 66).

Em busca do saber real, a consciência, em sua formação, realiza o trabalho de negação, tanto de si quanto do objeto; volta-se contra o saber natural, não real, que possui. Contudo, o medo da verdade leva a consciência a continuar procurando subterfúgios para permanecer no estágio em que estava, e ela passa a se ver, então, como saber real, o que ainda não alcançou.

Mas enquanto [...] [a consciência natural] se toma imediatamente por saber real, esse caminho tem, para ela, significação negativa: o que é a realização do conceito vale para ela antes como perda de si mesma, já que nesse caminho perde sua verdade. Por isso, esse caminho pode ser considerado o caminho da *dúvida* [Zweifeln] ou, com mais propriedade, o caminho de desespero [Verzweiflung] [...] (HEGEL, 1992, p. 66, grifo no original).

Duvidando das verdades anteriormente cristalizadas nela, a consciência, tocada pelas suas incertezas, é impulsionada a percorrer o caminho que, paulatinamente, esboroa o saber e as verdades constituídos e conceitos irrealizados para seguir, mediante o sinal da centelha de luz do fenômeno, outra formação (*Bildung*). Isso a coloca na dúvida; não é uma dúvida negar por negar, mas é uma dúvida que lança para dentro de si e vê estremecerem-se suas certezas nesse chão movediço. Sem nada a sustentá-la, a consciência entra em desespero: não mais reconhece como reais e

verdadeiros o saber e a verdade precedentes, entretanto, nesse círculo sai de um *eu* para um objeto e retorna a esse *eu* como meio de conhecer e negar tanto o saber do eu quanto do objeto.

Nesse círculo do eu ao objeto, a consciência traz consigo a negação, a conservação e a superação de um saber e de uma verdade e, nesse círculo espiral de ida e vinda, segue realizando concretamente as etapas do trabalho de sua formação (*Bildung*). Com esse procedimento pedagógico, a consciência alicerça-se para entrar em novo saber e em nova verdade arrancada tanto dela quanto do objeto, sem alcançar, ainda, o saber real e verdadeiro. No entanto, a consciência natural adquire outro saber sem reconhecê-lo como seu, pois ainda não é capaz de concatenar toda a sua formação. Tem-se, assim, o dissolvimento de formas de saber e de verdade a fazer a revolução em seu processo de trabalho formativo. A verdade do saber ingênuo não é mais a garantia de continuidade no processo de trabalho de educação.

Agora, a consciência natural duvida não apenas de um saber determinado, mas, também, de sua própria formação. Tal dúvida não tem nenhuma relação com o princípio cartesiano, em que a dúvida é condição necessária para se confirmar uma verdade existente ou suspender um saber preexistente para, posteriormente, reafirmá-lo. Descartes não duvidou da própria dúvida, bem como Kant não fez crítica da crítica. Todos eles permaneceram em uma formação representativa, ou seja, numa educação, cujos pressupostos estão somente na formulação do sujeito tanto pensante quanto transcendental.

### **3 O trabalho presente na formação da consciência**

Para Hegel a verdade haurida do processo pedagógico da dialética da consciência não está pronta e acabada em si mesma. A ciência dessa verdade entra em cena e desperta a consciência a dar continuidade ao seu processo de trabalho de formação (*Bildung*), cultivando nova experiência com o objeto, com a intenção de gestar nova etapa de cultura. Mesmo que seu formar tente mantê-la estática, o pensamento desestrutura essa forma, nega-a e conduz a outra. Por conseguinte, a consciência, nesse itinerário de experiência, faz a relação do seu saber com a verdade do objeto. Embora tenha de passar pela dúvida e pelo desespero, abalando os esteios que lhe

davam sustentação, faz a experiência do saber por intermédio das mediações em si mesma e no objeto. Agora, incólume somente da exterioridade ou da subjetividade, ela (a consciência) realiza sua nova educação na modernidade; quando, com o trabalho negativo do seu formar, *faz o exame de experiência da verdade do objeto em sua imanência*.

Assim, a consciência, com seu trabalho formativo, conduz-se com o rigor necessário para se desagarrar de uma não verdade e encontrar outra verdade. Desse modo, sem o medo, que servia de nebulosidade, enfrenta seus próprios limites para enxergar a diferença entre uma formação firmada na asseveração e outra que nasce do esforço do trabalho negativo para conhecer tanto o seu saber quanto o objeto por meio da experiência que ela – a consciência – realiza nos limites entre o saber da consciência e da verdade do objeto. De acordo com Hegel,

é possível porém tomá-la [a ciência], desse ponto de vista, como o caminho da consciência natural que abre passagem rumo ao saber verdadeiro. Ou como o caminho da alma, que percorre a série de suas figuras como estações que lhe são preestabelecidas por sua natureza, para que se possa purificar rumo ao espírito, e através dessa experiência completa de si mesma alcançar o conhecimento do que ela é em si mesma (1992, p. 66).

Para Hegel, no trabalho de formação (*Bildung*) da consciência, há um *concrecere*, isto é, crescer juntos a consciência natural e o objeto. A dúvida, nesse desenvolvimento, vem de um ceticismo amadurecido, que é diferente daquele que nega tudo e permanece apenas na negação estática em relação ao saber, sem nada acrescentar-lhe, a não ser somente negá-lo. Desta feita, afirma o filósofo:

Esse cepticismo, que atingiu a perfeição, não é, pois, o que um zelo severo pela verdade e pela ciência tem a ilusão de ter aprontado e aparelhado para elas, a saber: o *propósito* de não se entregar na ciência à autoridade do pensamento alheio, e só seguir sua própria convicção; ou melhor ainda: tudo produzir por si mesmo, e só ter o seu próprio ato como [sendo] o verdadeiro (1992, p. 66-67, grifo no original).

Desse modo, o ceticismo, mesmo quando atinge a perfeição, não leva a consciência a produzir, nesse momento, sua ciência e verdade verdadeira. O que um zelo severo pela verdade e pela ciência faz, realmente, com elas mesmas, é levá-las a realizar a crítica da crítica de si próprias. O ceticismo imaturo é inútil, uma vez que mostra apenas o recrudescimento da vaidade e a megalomania; não tem conteúdo, embora o arrogue para a consciência que possui formação mais cristalina. Mas ela, na verdade, soçobra-se em seus preconceitos. O ceticismo útil, diferentemente, faz a consciência natural realizar a crítica do seu saber mediante a experiência dela com o objeto, leva-a a penetrar em si mesma e no objeto, possibilitando-lhe alargar sua capacidade de conhecer. Dessa maneira, a consciência natural vai dissolvendo sua vaidade e, gradativamente, desloca-se da representação das imagens de seu pensamento e vai se tornando uma consciência fenomenológica, o que não ocorre sem desespero.

[...] o ceticismo que incide sobre todo o âmbito da consciência fenomenal torna o espírito capaz de examinar o que é verdade, enquanto leva a um desespero, a respeito de representações, pensamentos e opiniões pretensamente naturais. É irrelevante chamá-los próprios ou alheios: enchem e embaraçam a consciência, que procede a examinar *diretamente* [a verdade], mas que por causa disso é, de fato, incapaz do que pretende empreender (HEGEL, 1992, p. 67, grifo no original).

Em desespero e se vendo incapaz de examinar diretamente a verdade, a consciência passa a sofrer a dor. Em busca de alívio, a consciência, mediante seu trabalho de formação, promove a negação do saber anterior. No entanto, a princípio, ela nega só por negar e não porque julgue que a negação possa levar à verdade. Se a consciência permanecer na negação pela negação, acabará pensando que seu saber é o único possuidor da verdade. Contudo, ultrapassando o temor de assumir nova verdade, a consciência passa com o trabalho de negação em si para uma negação determinada<sup>9</sup> e que tem conteúdo.

---

<sup>9</sup> Argutamente, observa Vieira (1987, p. 81, grifos no original): “Assim sendo, o nada não é o puro nada, mas é determinado e tem um conteúdo. A sua determinação e o seu conteúdo se originam justamente do fato de que ele é *resultado* daquela relação anterior. Ele não surgiu fortuitamente como se a consciência esbarrasse nele ao longo

Para fazer inteligível esse ponto, pode-se notar previamente, de maneira geral, que a apresentação da consciência não verdadeira em sua inverdade não é um movimento puramente *negativo*. A consciência natural tem geralmente uma visão unilateral assim, sobre este movimento. Um saber, que faz dessa unilateralidade sua essência, é uma das figuras da consciência imperfeita, que ocorre no curso do itinerário e que ali se apresentará. Trata-se, precisamente, do ceticismo, que vê sempre no resultado somente o *puro nada*, e abstrai de que esse nada é determinada o nada *daquilo de que resulta*. Porém o nada, tomado só como o nada daquilo donde procede, só é de fato o resultado verdadeiro: é assim um nada *determinado* e tem um *conteúdo* (HEGEL, 1992, p. 67, grifos no original).

Na passagem de um saber de uma verdade para outros, quando no trabalho de formação (*Bildung*) da consciência, ocorrem a dúvida, o desespero e a dor, existem afirmação e negação, deformação e formação. Isso caracteriza, também, o trágico da formação, do que não se deve ter medo. Sem sequer enfrentá-lo, a negação suscita um processo de formação, cujo princípio seja a própria incondicionalidade da consciência em relação ao objeto.

Assim, no processo de trabalho de formação (*Bildung*) da consciência, o medo, a dúvida, a experiência, o ceticismo, o desespero, a dor, a negação – cada qual com uma ou mais qualidades – são necessários no desenvolvimento da consciência. Segundo Hegel,

a série de figuras que a consciência percorre nesse caminho é, a bem dizer, a história detalhada da *formação* para a ciência da própria consciência. Aquele “propósito” [propósito de não se entregar, na ciência, à autoridade do pensamento alheio] apresenta essa formação sob o modo simples de um propósito, como imediatamente feita e sucedida. Frente a tal inverdade, no entanto, esse caminho é o desenvolvimento efetivo. Seguir

---

de seu caminho. Ele é o resultado verdadeiro, a saber, a *nova verdade* que surge para a consciência como resultado da oposição certeza e verdade. Portanto, é como negação determinada que a consciência percorre as mais diversas formas de relação com o objeto.”

sua própria opinião é, em todo o caso, bem melhor do que abandonar-se à autoridade [...]. (1992, p. 67, grifos no original).

Ainda que não havendo uma formação (*Bildung*) imediata, pronta e acabada da consciência – visto que seu formar é um processo de trabalho da consciência – é possível prosseguir na busca da verdade; caso não prosiga, a consciência torna-se a autoridade do discurso da verdade externa. No entanto, mesmo não tendo ultrapassado completamente um estágio, dá-se início à procura da verdade, ocorrendo o processo tanto de deformação quanto de formação do discurso até alcançar o saber real, ou seja, a superação do fenômeno vindo do objeto e alcançando a luz da experiência em sua própria consciência. Esse é o momento em que a consciência é consciência de si, ou seja, sabe de si e do objeto, há uma identificação do seu saber com a verdade do objeto.

O processo do trabalho de formação da consciência faz ruminar a dor, o preconceito e os prejuízos, que antes queriam impedir o movimento do pensamento. No entanto, a força desse, sendo muito superior, foi capaz de fazer a transformação do ser do em-si para ser o ser-para-ela desse em-si e transformá-lo em verdadeiro impulsionador, com o intuito de arrancar a consciência da nebulosidade do seu saber e, com isso, dissipar a obnubilação para que a luz do raio do fenômeno, alojada em seu interior, ponha a luzir, cada vez mais, em seu pensamento, forçando a superação dos estágios de sua educação.

Portanto, a consciência no desespero e na dúvida passou pela negação e pela experiência para conhecer, em cada figura, o ser do em-si, por meio do para-ela. A mudança ocorre nesse itinerário tanto no saber da consciência quanto no objeto, até culminar no momento da congruência do saber com a verdade, quando a consciência passa à ciência na última esfera do círculo de formação realizada em si mesma. Isso aconteceu ao se pôr livremente a seguir a luz de seu interior e, passo a passo, fez ruir as ilusões do saber e, simultaneamente, efetivou as mudanças necessárias no em-si, para alcançar a unicidade da forma com o conteúdo.

Aqui a aparência se torna igual à essência, de modo que sua exposição coincide exatamente com esse ponto da ciência autêntica do espírito. E, finalmente, ao apreender sua verdadeira essência,



a consciência mesma designará a natureza do próprio saber absoluto (HEGEL, 2002, p. 82).

Desse modo, o trabalho de formação (*Bildung*) da consciência impeliu a luz do raio a desalojar-se do ser da consciência para luzir como a gênese de nova ciência, de nova cultura e, também, como não dizê-lo, de nova *civilização* para a modernidade.

## Considerações finais

A reviravolta presente, no trabalho de formação (*Bildung*) da consciência, é o início do itinerário de rompimento sucessivo com as ilusões, promovendo a elaboração de outro conceito, que tem a fundamentação no *Em-si*, a partir da sistematização das mudanças ocorridas com as experiências originadas no ceticismo amadurecido. Conforme Hegel (1992, p. 68), “[...] o processo em direção a essa meta não pode ser detido, e não se satisfaz com nenhuma estação precedente”. Nesse processo, o trabalho de formação da consciência pela negação chega ao nada de si, não é a recusa de todo o conhecimento anterior, mas a trans-versão, dentro de si mesmo, do que havia de essencial no conhecimento anterior e foi encontrado pela negação. Desse modo, a consciência educada liberta-se do saber unilateral, afirmado externamente, a cuja alteridade ela obedecia. Como cita o autor, “o que está restrito a uma vida natural não pode por si mesmo ir além de seu ser-aí imediato, mas é expulso-para-fora dali por um Outro: esse ser-arrancado-para-fora é sua morte” (HEGEL, 1992, p. 68).

A consciência natural, nesse processo de trabalho formativo em que as experiências resultaram em mudanças tanto em si quanto no objeto, faz a *suprassunção* – quer dizer, ela negou, conservou e acrescentou novo saber (*Aufhebung*). Por isso, a consciência, em seu interior, alcança a consciência de si e traz o objeto exterior para dentro de si, isto é, o objeto se identifica com o conceito, e o conceito, com o objeto. O saber, nesse estágio, é a identidade da identidade na diferença, efetivamente, pelo trabalho de formar; têm-se, então, o formar-se e o formar da consciência, como ilustra Lukács (2018) na obra *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*. Agora, com a experiência que a consciência faz com seu objeto, enfrenta em si a mudança

de seu formar; destarte, descortina-se o objeto e se evidencia a consciência que se ocultava nele. Ela, nesse estágio de formação (*Bildung*), percebe que o conceito de saber passa a ser para si momento cultural, de acordo com Hegel, tem-se a afirmação do homem pelo trabalho da consciência e, com essa mudança da consciência para a consciência de si, consegue-se iniciar a concretização do saber real. Com esse princípio, a consciência, desnudada de sua ingenuidade, irá efetivar sua formação. Não pode transferir para outro e nem o culpar, deve, sim, ressonar nos fios do tecido social o eco de uma cultura realizada mediante a experiência que se concretiza desde sua singularidade até a universalidade. Assim, o *eu* e o *nós* se efetivam no processo educacional e se tem o início do absoluto em nós, que, a princípio, não conhecíamos, porém, no processo de trabalho formativo do *concrecere* – crescerem, juntos, saber e verdade – toma consciência de si, ou seja, o saber que se sabe alcança seu formar no mundo.

Consequentemente, ela já alcança o Espírito em si, como diz Bernard Bourgeois em seu livro *Hegel: os atos do espírito*: “Desse modo, as determinações ‘antropológicas’ e ‘fenomenológicas’ só existem ligadas às determinações ‘psicológicas’ e – é verdade, se considerarmos o espírito não apenas segundo sua existência formal, mas também em seu conteúdo essencial – às determinações ético-políticas e religiosas” (BOURGEOIS, 2004, p. 31-32, grifos no original).

## Referências

- BOURGEOIS, B. *Hegel: os atos do espírito*. Trad. de Paulo Neves. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2004.
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. Trad. de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1993.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito* – Parte I. Trad. de Paulo Meneses com a colaboração de Karl-Heinz Effen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- HEGEL, G. W. F. Quem pensa abstratamente? *Síntese Nova Fase*, trad. de Charles Feitosa, v. 22, n. 69, p. 235-240, 1995.
- HEIDEGGER, M. *Hegel*. Trad. de Dina V. Picotti C. Buenos Aires: Prometeo:

Biblioteca Internacional Martin Heidegger, 2007.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Trad. de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

LUKÁCS, G. *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*. Trad. de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2018.

NOBRE, M. *Como nasce o novo: experiência e diagnóstico de tempo na Fenomenologia do espírito* de Hegel. São Paulo: Todavia, 2018.

VIEIRA, L. A. *Saber absoluto: expressão filosófica de uma época*. 1987. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

**Submetido em 7 de fevereiro de 2020.**

**Aprovado em 03 de junho de 2020.**